



RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

**Laços de afeto: enfrentamento à violência contra as mulheres na EEMTI  
Josefa Braga Barroso em Miraíma, Ceará**

**The Laços de afeto project: Addressing Violence Against Women at EEMTI  
Josefa Braga Barroso in Miraíma, Ceará**

**Resumo**

Este artigo apresenta o projeto Laços de Afetos, realizado na EEMTI Josefa Braga Barroso, em Miraíma/CE (2022). O objetivo do projeto é promover uma cultura de prevenção e enfrentamento às violências contra as mulheres no ambiente escolar. O texto apresenta um relato sobre o desenvolvimento das ações do projeto, que incluíram a produção de cartazes, estêncil, a aplicação de questionários, a realização de uma pesquisa e a participação em um evento acadêmico. As intervenções identificaram que as violências contra as mulheres são uma realidade vivenciada pelas estudantes, as quais se interessam em discutir o tema para aprender como se comportar, como se proteger e denunciar. O projeto teve como resultado o fomento ao protagonismo estudantil e a promoção da cidadania ativa.

**Palavras-chaves:** Mulheres. Violência. Enfrentamento. Afeto. Protagonismo.

**Abstract**

This article presents the Laços de Afetos project, carried out at EEMTI Josefa Braga Barroso, in Miraíma/CE (2022). The objective of the project is to promote a prevention and coping culture regarding violence against women in the school environment. The text presents a report on the project's actions, which included the production of posters, stencils, the application of questionnaires, the conduct of a research and participation in an academic event. The interventions identified that violence against women is a reality experienced by students, who are interested in discussing the topic to learn how to behave, protect themselves, and report. The project resulted in the promotion of student protagonism and active citizenship.

**Keywords:** Women. Violence. Coping. Affection. Protagonism.

**Ana Karla Pontes de  
Souza**

Mestra em Ciências Sociais  
(UFRN); Professora de  
Sociologia SEDUC/CE.

E-mail:

[anakarla.karlaps@gmail.com](mailto:anakarla.karlaps@gmail.com)

## **Introdução**

Laços de Afeto foi um projeto de formação político-pedagógico realizado na Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Josefa Braga Barroso (Miraíma/CE), durante o ano de 2022, cujo objetivo foi estabelecer e promover uma cultura de prevenção e enfrentamento às violências contra as mulheres no ambiente escolar através de ações que estimulassem a formação crítica sobre as relações de gênero na sociedade e como elas interferem nas nossas relações pessoais e coletivas.

Em 2022, a escola contava com 365 estudantes matriculados/as, divididos entre todas as séries do ensino médio, sendo a 1ª série em tempo integral e as demais séries de ensino regular. O público é composto por jovens e adolescentes que vivenciam violências, em um país que têm 8 mulheres agredidas por minuto (na pandemia da COVID-19), onde 37,9% das mulheres já sofreram algum tipo de assédio sexual e, em média, uma mulher é morta a cada 7 horas vítima de feminicídio (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022). Uma realidade que, infelizmente, faz-se presente em todas as cidades do país, e não é diferente na cidade em que a escola se encontra. Por isso, é tão necessário compreendermos essas violências e como combatê-las.

A escola é um espaço de socialização, mas também de violência. Nesse ambiente, é comum identificarmos violências acontecerem seja entre alunos/as, entre professores/as e alunos/as, ou entre alunos/as e professores/as, pois a violência contra a mulher é parte da cultura patriarcal da nossa sociedade, e a escola, como parte dessa sociedade, reproduz as relações sociais em que ela está inserida (Bourdieu; Passeron, 1992).

Faz-se necessário uma reflexão no âmbito escolar capaz de promover a desnaturalização do fenômeno da violência contra as mulheres, que é complexo, engloba diversas dimensões, múltiplos fatores e expressa-se de formas que por vezes são invisibilizadas, pois trata-se de um problema naturalizado pela sociedade e perpetuado geração a geração, visto que desde criança somos ensinadas a servir e se submeter as vontades e superioridade masculinas, isso acontece através dos brinquedos e brincadeiras, que nos colocam numa posição de cuidadora do lar e das crianças (bonecas, conjunto de panelas, fogão, vassoura, etc), em detrimento das masculinas que remetem a vida externa, aventuras e conquistas (carro, bola, armas, instrumentos profissionais, etc).

Diante disso, as questões se colocaram para a reflexão. Nos perguntamos: “Como combater a violência contra as mulheres através da criação de laços de empatia?”. Pois, consideramos relevante tratar sobre tais violências para aprendermos a combatê-las e criarmos laços de afeto para com as vítimas.

Assim, entendemos que o projeto só seria possível ao apoiar-se em uma proposta pedagógica emancipadora (Freire, 1987), que seja capaz de preparar o sujeito coletivo à transformação da sociedade, ou seja, que se apoie na capacidade de transgredir a passividade e

promover o engajamento (hooks, 2013), ao criar um vínculo com a vida concreta das pessoas para discutir problemas reais e enfrentá-los, fortalecendo e capacitando os/as estudantes a serem cidadãos/ãs socialmente críticos/as, munidos/as de conhecimento da legislação vigente, tolerantes e respeitadores/as da diversidade cultural.

## **1 Educação e legislação no combate à violência.**

O artigo nº 26 da Legislação de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Brasil, 1996), prevê a discussão da Lei Maria da Penha e das violências contra as mulheres no currículo escolar, bem como a Lei Maria da Penha nas Escolas, prevista na legislação estadual do Ceará, Lei nº 16.044/2016, tem como proposta levar a discussão das violências contra as mulheres nas escolas, através da criação de uma semana denominada de Maria da Penha nas escolas, onde serão realizadas oficinas e palestras que discutam sobre o tema que contribuam para educar os estudantes à não violência e ao combate a elas. Essas violências apresentam altos índices de ocorrência no Brasil que, apenas recentemente (Lei contra Assédio Sexual, 2001; Lei Maria da Penha, 2006; Lei do Feminicídio, 2015; Lei Importunação Sexual, 2018), adotou leis que as tipificam como crime, mas ainda carecem de adequações.

O avanço da pauta dos movimentos feministas é parte importante no combate a tais violências. Nos últimos anos houve conquistas significativa, como a criação de leis de combate à violência doméstica, ao feminicídio, à importunação sexual, além da organização e mobilização das mulheres ter ganhado espaço no debate da educação, da saúde e em reivindicações nas ruas do país (Pinto, 2010).

Embora relevantes, essas conquistas ainda não são suficientes para construirmos uma sociedade livre da opressão às mulheres, visto que mesmo com tais medidas legais criadas não há garantia de segurança a essas vidas e tampouco que essas violências cessem. Se faz necessário ir além da judicialização dessas pautas, posto que estamos falando de opressões estruturais, que se encontram nas bases da nossa sociedade e precisamos de ações de cheguem à raiz destes problemas e sejam capazes de transformar as bases da sociedade. Vemos a educação como parte importante desse processo.

O projeto persegue o propósito de subverter situações desiguais de gênero, pois busca desconstruir as desigualdades presentes nas relações existentes nas vivências da comunidade escolar. Por conseguinte, procura contribuir com a construção de uma sociedade mais equitativa.

Compreendemos que não há mais espaço para uma educação que mantenha “[...]posição afastada, distanciada, isenta, em relação ao mundo social e político[...]” (Silva *apud* Louro, 1997, p. 122). Isso é insustentável. Precisamos formar para a criticidade através do questionamento às discriminações e violências geradas por elas.

Visto que a escola é um espaço de construção da cidadania e que isso exige uma formação social que garanta sujeitos capazes de intervir e transformar a sociedade em que vivem; a partir do conhecimento sobre o tema, sobre a legislação vigente e do desenvolvimento de habilidades que possibilitem enfrentar essas situações, tais como,

Analisar situações da vida cotidiana, desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

Identificar diversas formas de violência, suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais, culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos (Brasil, 2018).

Desse modo, o projeto também criou um ambiente acolhedor para os/as estudantes, fortalecendo habilidades socioemocionais como a empatia e a tolerância, por meio do uso do conceito de sororidade, que aborda a irmandade entre meninas/mulheres, a união e o acolhimento.

A cultura patriarcal naturaliza a violência contra as mulheres, incluindo a culpabilização da vítima, dificultando as denúncias e o reconhecimento da situação de agressão que sofreram. Por isso, consideramos fundamental apresentar aos/as estudantes o conceito de sororidade, através do qual elas (mas, também, eles) compreendam a necessidade de união e empatia entre si para desconstruir a cultura que coloca mulheres contra mulheres e construir uma nova cultura capaz de uni-las, torná-las empáticas às dores umas das outras.

A partir da abordagem qualitativa e dialogada, na qual produzimos conhecimentos a partir das intervenções, identificamos que esses são assuntos de grande interesse à comunidade escolar. Além disso, observamos a carência de conhecimento de muitos/as estudantes sobre o que são as violências que muitos deles/as sofreram e, por vezes, ausência de denúncias devido a desinformação, o que impede que medidas sejam tomadas contra agressores.

Essas observações se deram através das oficinas realizadas pelo projeto, que possibilitou identificar por meio de relatos dos/as alunos /as. Ademais, vimos que alguns/as ficaram mais à vontade para falar, outros mais tímidos. As oficinas ocorreram na sala de aula, duravam duas horas aulas seguidas e contavam com a presença de todos/as discentes da turma. Ouvimos relatos dos/as estudantes sobre situações de violência doméstica em casa ou com familiares, relatos de assédio na rua, em festas e na escola, através de assovios e palavras desagradáveis, dentre outros. Foram momentos de partilha para expressarem seus medos, mensagens de acolhimento e força.

O projeto também realizou produção científica, culminando na elaboração de um artigo científico submetido ao evento acadêmico X Curta o Gênero, composto pelo X Seminário Internacional Gênero, Cultura e Mudança, que se caracteriza como um espaço de convergência de pensamentos, experiências, proposições e criações artísticas.

As atividades promovidas pelo projeto nos possibilitaram identificar que a violência contra as mulheres é uma realidade vivenciada pelos/as estudantes, que se interessam em discutir tais temas, pois há uma demanda por conhecimento mais aprofundado que lhes garanta aprender como agir ante esses atos, como se proteger e denunciá-los.

## **2 Metodologia:** construindo afetos na escola.

O Projeto Laços de Afeto surgiu a partir de um projeto anterior produzido na escola em 2018, chamado “Mulheres em Pauta”, coordenado por mim, Ana Karla, professora de Sociologia, em parceria com as demais professoras da escola, que visava debater temas relacionados à opressão contra as mulheres (relacionamentos abusivos, cultura do estupro, legislação de combate à violência contra as mulheres) Em 2022, com a participação integral dos/as estudantes, o projeto se reinventou, ampliou seus objetivos e ganhou novas formas de atuação. Atuei como coordenadora do projeto, mas as ações foram protagonizadas por alunas da 3ª série do Ensino Médio, responsáveis por ministrar as rodas de conversa e oficinas junto aos seus pares.

A implantação se deu de forma gradativa com os/as discentes dos dois turnos (manhã e tarde) e das turmas de tempo integral. Sua execução aconteceu por meio de oficinas de cartazes e estêncil, rodas de conversa, utilização de curta-metragem e construção de mural voltados para estabelecer uma cultura de prevenção e enfrentamento às violências contra as mulheres.

No primeiro momento, realizamos oficinas nas turmas de 1ª e 2ª série do ensino médio, em diferentes dias, durante as aulas do componente curricular da base diversificada: Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS). Nelas, apresentamos o curta-metragem francês *Majorité Opprimée* (2010), interpretamos conceitos dos tipos de violência (física, patrimonial, emocional, psicológica e moral) e apresentamos dados de pesquisa realizada pelo Instituto Avon (2022) sobre o tema. Expomos essas informações através de *slides* e, em seguida, dialogamos com os/as estudantes sobre suas experiências com essas opressões dentro e fora da escola.

Outrossim, muitas alunas mencionaram ter sofrido assédio sexual dentro e fora da escola, por meio de piadas, olhares invasivos e “psius”. Em outro depoimento foi relatado um caso de violência doméstica sofrida pela irmã de uma discente, que viveu um relacionamento abusivo, foi perseguida pelo então companheiro e sofreu violência física, psicológica e moral, mas conseguiu sair do relacionamento.

Após as discussões, propusemos a produção de cartazes e estêncil em camisetas, nos quais expressassem a síntese do que haviam aprendido na oficina. Os estudantes escreveram frases e fizeram desenhos de combate à violência. Em seguida, os convidamos a exibir suas produções nos corredores da escola, onde os cartazes foram colados.

**Imagem 1** – Aluna produzindo estêncil em camisa.



Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Na segunda etapa, promovemos uma roda de conversa durante a aula da disciplina eletiva de “Gênero e Diversidades”, ao longo de duas horas-aulas. Iniciamos apresentando o conceito de sororidade, que era desconhecido pela maioria, debatemos e refletimos sobre situações em que praticá-la se faz necessária, seja através do apoio a outras mulheres no trabalho, nos estudos, como também por meio do acolhimento, de elogios, do empoderamento às mulheres, não as julgar e abandonar conceitos machistas.

A sororidade carrega consigo a ideia de empatia entre as mulheres. Nosso projeto trabalhou o conceito com o propósito de fortalecer os laços de afeto entre meninas/mulheres na escola e, entre todos/as de modo geral.

Ademais, construímos o mural da sororidade, no qual os/as discentes eram convidados/as a escreverem mensagens de afeto, força e acolhimento, e a colá-las no mural que foi exposto no corredor da escola. A intenção era que o mural fosse construído por todos e todas, ao deixarem e coletarem mensagens.

**Imagem 2** – Aluna construindo o mural.



**Fonte:** Elaborada pela autora, 2022.

Por fim, foi proposto às estudantes promotoras das ações do projeto realizarem um trabalho científico sobre o projeto a ser apresentado no X Curta o Gênero, com o título: Mulheres e Violência: oficina de combate à violência contra a mulher na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Josefa Braga Barroso, em Miraíma/CE, como exercício de pesquisa e divulgação de nossas atividades para o mundo acadêmico.

Além disso, o projeto também foi apresentado no Ceará Científico (etapa escolar e regional), feira organizada pela SEDUC/CE, como uma ação de incentivo à educação científica nas escolas. O projeto foi apresentado com o título: “Laços de Afeto: sororidade e enfrentamento a violência contra às mulheres”, apresentamos através de exposição oral e levamos fotos dos cartazes, as alunas vestiram as blusas produzidas com estêncil e expomos o mural da sororidade na feira, que teve uma boa receptividade por parte do público presente. O trabalho se sagrou vencedor da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicada na etapa escolar e representou a escola na fase regional.

## Considerações finais

As atividades promovidas contribuíram para a formação cidadã ao estimular que os/as estudantes se tornem cidadãos ativos e responsáveis, capazes de realizarem uma análise crítica da sociedade e de produzirem novos conhecimentos. Ademais, confirmamos a importância de debater, divulgar e produzir conhecimentos sobre violências e mulheres, preparando os/as alunos/as a enfrentarem essas violências através do conhecimento da legislação que as protege e construindo uma cultura de afeto que fortaleça laços de sororidade e um ambiente de empatia e acolhimento no combate às estruturas que desfavorecem, socialmente, meninas/mulheres.

A escola, como ambiente de promoção da educação e proteção de crianças e adolescentes, deve assumir esse papel ao promover discussões sobre os temas relevantes que nos cercam e atingem nossas vidas, contribuindo com o conhecimento crítico e popularizando as formas de proteção e denúncia às violências que tornam vítimas as mulheres.

O projeto cumpriu esse papel ao contribuir para a construção da cidadania ativa (Benevides, 1994), capacitando os/as alunos/as a se tornarem defensores de direitos e abrindo novos espaços de participação política. Também fomentou o protagonismo estudantil, ao proporcionar aos alunos o papel principal na mediação de conhecimento aos seus pares e a iniciação no mundo da pesquisa científica.

## Bibliografia

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, *LDB*. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *Lua Nova*, v. 33. Ago 1994. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451994000200002>>. Acesso em: 26 de nov. 2023.

CEARÁ. *Lei Maria da Penha nas Escolas*. 16.044/2016. CEARÁ.

FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil 3ª edição – 2021*. Disponível em: [Homepage - Fórum Brasileiro de Segurança Pública \(forumseguranca.org.br\)](http://forumseguranca.org.br)>. Acesso em: 25 de set. de 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.



SILVA, T.T. *Identidades terminais: As transformações na Política da Pedagogia e na Pedagogia da Política*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. Dossiê Teoria Política Feminista. *Rev. Sociol. Polit.* 18 (36). Jun 2010. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>>. Acesso em: 26 de nov. 2023.

**Recebido em:** 28 de novembro de 2023.

**Aceito em:** 18 mai. 2024